

O filme de Angola MAIS BRINDES

O sr. César de Sá quer
que lhe façam justiça

■ ■ ■

DO sr. José Cesar de Sá, distinto operador cinematográfico, recebemos a carta seguinte:

Lisboa, 29 de Janeiro de 1930.

Sr. Director de *Cinefilo*:—Pedindo me releve o tempo e o espaço que lhe vou tomar, venho pedir a V. a publicação da carta que enviei a *Cinegrafia* a propósito do seu artigo «Cinema Colonial» do número de 9 de Janeiro.

Lamentavelmente, *Cinegrafia* não teve espaço suficiente para publicá-la na íntegra e assim eu, temendo que o excesso de original nunca lhe permita a inserção das minhas reclamações e convencido também de que nas colunas de *Cinefilo*, há sempre lugar para dizer a verdade, à sua porta venho bater, obrigado pelas circunstâncias.

Com efeito, dos períodos transcritos soltos e sem ligação, poderá deduzir-se que eu, ridiculamente, me quiz empavonar com o título de realizador, quando no filme de Angola não houve realização alguma na verdadeira acepção do termo. Acusam-me de chamar ao sr. Antunes da Mata o feio nome de plagiário. Não! Da prioridade das minhas impressões escritas é que eu falei, para demonstrar a *Cinegrafia* que o meu papel dentro do filme de Angola não tinha sido tam limitado que fôsse possível a uma revista especializada confundir nomes num meio tam pequeno como o nosso.

De resto, o sr. Mata não precisa da defeza de *Cinegrafia*. A sua inteligência clara, que de há muito conheço, está numa posição suficientemente alta para ter que baixar a tais auxílios. E assim dou, neste momento, por terminadas as minhas considerações, não voltando à estacada, qualquer que seja o rumor levantado. Quem trabalha não pode perder tempo em discussões inúteis.

Pedindo a publicação de quanto deixo escrito, creia-me, sr. Director, muito grato e sincero admirador,

JOSÉ CÉSAR DE SÁ

As passagens a que se refere o sr. César de Sá, e cuja inserção nos pede, são estas:

Com efeito, o filme de Angola não foi realizado pelo sr. Antunes da Mata, o amigo que me acompanhou nessa longa excursão através do território africano. Se alguma realização houve—eu só entendo realização dum filme quando há um trabalho mental preparatório, que neste caso não existiu—se alguma realização houve, ia eu dizendo, essa pertence-me exclusivamente assim como me pertence a fotografia. De resto, foi da Comissão Executiva da Exposição de Sevilha que recebi a indicação geral dos assuntos a filmar e foi depois *in loco*, com a minha «Debrie» e com os meus conhecimentos práticos, que tive de resolver essa tal questão da realização.

O filme de Angola, que aparecerá naturalmente ao público fraccionado e sem coesão, nada representa do pensamento que me animava ao aceitar o encargo de levá-lo até ao fim. Causas múltiplas, que seria longo enumerar, deram a êsse filme uma apresentação

A O S
LEITORES DE «CINEFILO»

Depois das regalias amavelmente concedidas aos compradores de «Cinefilo» pelas empresas do São Luis, do Central-Cinema e do Royal Cine, em Lisboa, e do Olimpia, no Porto, outras começam a inscrever-se na lista de brindes, para satisfação dos vivos desejos dos nossos amigos que não habitam as duas capitais nem seus arredores.

Os cinéfilos de Vizeu e Coimbra vão ter semelhantes regalias, mercê da gentileza das direcções do Tivoli, da cidade universitária, e do Avenida-Teatro, da capital das Beiras, empresas às quais nos confessamos muito gratos.

Pela concessão do Tivoli, de Coimbra, os compradores de «Cinefilo» passam a gosar no mesmo cinema do desconto de 30 por cento nas «matinéas» que se realizam aos domingos.

A concessão da empresa do Avenida-Teatro, de Vizeu, é para os espectáculos nocturnos das terças ou quintas feiras, à escolha. Como anunciámos, o desconto é de 20 por cento.

A senha publicada com o presente número de «Cinefilo» dá direito aos mencionados descontos, no Tivoli, de Coimbra, na «matinée» de amanhã, domingo, e nos espectáculos nocturnos de terça ou de quinta feira, no Avenida-Teatro, de Vizeu, à escolha, como ficou dito.

tão irregular que, propositadamente, procurei que em volta dêle se fizesse silêncio. Parece que não o consegui.

Se não estivessem em jôgo interesses alheios, eu pegaria numa grande tesoura e faria do filme de Angola um belo filme de quinhentos metros. Não posso infelizmente fazer isso. Resta-me, pois, resumir e dizer a *Cinegrafia* que as fotografias por ela publicadas são minhas, como são minhas as que por seu intermédio foram publicadas numa grande revista alemã da especialidade; que foi igualmente minha a realização e a fotografia do filme de Angola; e finalmente que minha é também a prioridade das impressões escritas dessa expedição, pois foi publicada uma larga reportagem assinada por mim no *Notícias do Lobito* de Janeiro a Abril do ano transacto.

O sr. Antunes da Mata tirou algumas fotos interessantes, fez as legendas e dividiu o filme em documentários, prestando o valioso concurso da sua inteligência e da sua actividade a um trabalho que eu não levaria até ao fim sem inutilizar muito negativo que desta forma se aproveitou. Assim é que está certo.

Que *Cinegrafia* continue publicando artigos e reportagem fotográfica da minha expedição sem mencionar o meu nome, está bem; nem sequer invocarei os direitos da propriedade artística, desde que não seja lesado, agradecendo o silêncio... Para o meu brio de artista está certo também que, neste caso, me esqueçam.

Que me troquem o nome... isso, não!